

NA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO: A ÉTICA COMUNITÁRIA

*Ramiro Délio Borges de Meneses**

RESUMO

O comunitarismo é uma filosofia política em que a ética médica, que se fundamentaria num comunitarismo moderado, aceita o pluralismo de concepções da vida boa e alguns direitos individuais. Procuramos destacar o sentido do comunitarismo liberal na parábola do Bom Samaritano. A experiência esplancofânica determina no Samaritano um sentimento de bem comum.

Palavras-chave: Bom Samaritano, comunitarismo liberal, bem comum, ética médica, experiência esplancofânica.

ABSTRACT

According to the Good Samaritan parable, the communitary person values himself, by the degree of the supreme value, that is the mercy at the apex of the pyramid. By the way, the communitary values are the very subject of communitarism under the intrinsic value of person's dignity. The esplancophanic experience is the self divine value.

Key-words: Good Samaritan, esplancophanic experience, value, communitarism.

* Professor Adjunto do Instituto Politécnico Saúde do Norte (Gandra; Famalicão). Investigador do Instituto de Bioética da U.C.P. — Centro Regional do Porto, Portugal (dr.ramiro@sapo.pt).

INTRODUÇÃO

Os comunitaristas afirmam que as teorias liberais favorecem o indivíduo perante o Estado. No caso da parábola do Bom Samaritano, será perante o Templo de Jerusalém. Aqui temos determinada uma parcialidade em favor da liberdade e dos direitos da pessoa singular.

Naturalmente, S. Mill, e todo o mundo liberal, defende a liberdade e os direitos do indivíduo como valor fundamental.

J. J. Ferrer e J. C. Alvarez referem que as “teorias morais” pretendem falar a partir de uma perspectiva universal e encontramos a imparcialidade ou o “universalismo”, à qual faremos alusão. Essa pretensão necessária e universal encontra a sua expressão no imperativo categórico de Kant, não sendo menos forte na proclamação do princípio de utilidade ou na defesa dos direitos dos indivíduos pelas éticas liberais.¹

A expressão suprema do liberalismo esteve nas obras ou ações do Bom Samaritano. O Samaritano apresenta um desafio que qualificamos como comunitarista.

1. O COMUNITARISMO LIBERAL NA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

As questões de ética médica passaram da posição de ocupar um lugar periférico na prática médica a ter de dizer respeito a todas as decisões clínicas. Muitas vezes é difícil obter um consenso amplo sobre as questões substantivas. Muito embora se tenham conseguido acordos limitados em matéria de procedimentos e de linguagem formal, as questões substantivas parecem insolúveis e os “desacordos intermináveis”.

Os conflitos entre samaritanos e judeus foram constantes. Os judeus renegaram toda a unicidade étnica com os samaritanos e era-lhes negada a legitimidade do culto a YHWH. Nas orações da sinagoga, pedia-se para que os samaritanos não participassem da vida eterna. Uma norma salientava que toda a mulher samaritana é considerada impura perpetuamente. Com efeito,

¹ Cf. J. J. FERRER; J. CALVAREZ, *Para fundamentar a bioética*, São Paulo, Loyola, 2005, p. 240.

os samaritanos eram excluídos do culto de Jerusalém, e o seu testemunho, perante os tribunais, não era válido.²

A característica mais chamativa dos desacordos em ética médica é precisamente a sua irresolução. Os debates sobre questões de ética médica são intermináveis, tal como as relações entre judeus e samaritanos. Parece que nunca houve um consenso, nem mesmo na hermenêutica nas leituras sobre a Torá.

Depois do exílio da Babilônia, os samaritanos ofereceram, oficialmente, a sua ajuda para reconstruir o Templo de Jerusalém. A oferta foi recusada, porque os judeus não os consideravam pertencentes à nação santa.

Nunca houve consenso e as hostilidades só cresceram. Os samaritanos sublevaram o povo contra a empresa dos construtores, tendo-os denunciado a Artaxerxes (Esd 4,4-16). Como resultado deste desaire, os samaritanos construíram o seu templo em Garizim. Este acontecimento decretou o “cisma”.³

Como salienta J. Emmanuel, todas as questões de ética médica acabaram convertendo-se em dilemas insolúveis.

Assim, surgiu a mentalidade samaritana que repudiava os profetas e os outros escritos, aceitando somente o Pentateuco. Os samaritanos são os homens da Lei (Torá), representada pelos cinco primeiros livros da Bíblia, seguindo os seus preceitos com rigor, no que diz respeito à circuncisão, ao sábado e às festas.

O grande “axioma litúrgico” seria um sinal de ruptura fundamental que, com os judeus, residiu no não reconhecimento de Jerusalém como capital religiosa.⁴

Naturalmente, segundo Emmanuel, será necessário enfatizar o *axioma tecnológico* como uma espécie de etiologia do caráter interminável dos dilemas éticos da medicina atual. Este axioma professa que a raiz da nossa problemática ética atual, em medicina, encontra-se na tecnologia.

² Cf. R. D. BORGES DE MENESES, *O desvalido no caminho*; o Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde, Santa Maria da Feira, Passionistas, 2008, p. 53.

³ Cf. *ibidem*, pp. 53-54.

⁴ Cf. *ibidem*, pp. 52-53.

Emmanuel sustenta que o axioma tecnológico é um grave erro, um sofisma, uma verdadeira ilusão. A tecnologia não criou os problemas, embora os tenha revestido com novas roupagens. A etiologia da irresolução dos nossos dilemas éticos, em medicina, deve ser procurada não no progresso científico mas sim nos nossos valores.⁵

O sacerdote e o levita, segundo a parábola do Bom Samaritano, professam um axioma litúrgico: “Dá ao homem piedoso, mas não ampara o pecador”.

Era como se dissessem: “Faz bem ao humilde, e nada dê ao ímpio”. O sacerdote e o levita poderão estar incluídos neste tipo de concepção cultural. São prisioneiros do próprio sistema legal e teológico.

Segundo a Lei de Israel, o sacerdócio proíbe o contato com um cadáver, sendo a única exceção os parentes próximos. O cumprimento da Torá era considerado como o melhor caminho para evitar o pecado e para alcançar a santidade. O sacerdote aparece como vítima de um sistema. Não é um homem sem coração, é, antes, um escrupuloso cumpridor da Lei.⁶ O axioma litúrgico, por causa da influência do Templo de Jerusalém, marca a vida e a evolução de Israel, da qual o sacerdócio é uma verdadeira instituição política.

Tal como auferido pelas éticas comunitaristas, o debate ético desloca-se do leito do doente para a filosofia política. O sacerdote e o levita sentiram o comunitarismo da Torá, que marcou de forma natural a vivência litúrgica do povo de Israel. A parábola é marcada por este axioma ritual de Israel. Havia uma teologia política, que se fazia em torno do Templo de Jerusalém. Pelo caminho de Jerusalém a Jericó passam várias personagens, que marcaram a conduta moral do dia a dia. Naturalmente que o sacerdote e o levita vivem do axioma litúrgico, sendo o centro das suas vidas a teologia e a práxis do Templo, vivem para a “ortodoxia”. Jesus aponta, neste caminho, para a “ortopoiética”, que se determina por novo axioma, que será o axioma aretológico e axiológico: “Vai e faz a misericórdia”.

O samaritano vive a misericórdia de Deus pela revolução das vísceras, como forma de vivenciar sua “experiência esplancofânica”. O axioma es-

⁵ Cf. E. J. EMANUEL, *The ends of human life*; medical ethics in the liberal polity, Cambridge, Harvard University Press, 1992, pp. 9-14.

⁶ Cf. R. D. BORGES MENESES, *O desvalido no caminho*, cit., pp. 46-47.

plancnofânico não tem demonstração; vive-se e sente-se sempre no contato com o desvalido no caminho (nu, pobre, doente, drogado, marginal etc.).

Embora a parábola do Bom Samaritano não professe um comunitarismo liberal, ela tem implícita uma forma de comunitarismo, que será uma vivência esplancofânica, que marcará a via poética do Samaritano ao desvalido no caminho, de forma a ser possível encontrar um paradigma para a humanização em saúde no qual se encontre o verdadeiro sentido da experiência poética do Samaritano.

2. AS DELIBERAÇÕES DO COMUNITARISMO E A SUA AXIOLOGIA NA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Segundo Emmanuel, os cidadãos das comunidades estão comprometidos com a articulação de uma concepção partilhada da vida boa que guiará a formulação das leis e das políticas que regulam a vida comunitária. Uma reflexão como esta garante aos cidadãos os direitos que são necessários para participar nas deliberações e é comunitarista porque essas deliberações estão orientadas para a articulação de uma concepção de “vida boa”, que é capaz de informar as leis e as políticas que serão adotadas. Para que as comunidades possam comprometer-se em deliberações substantivas, elas terão de ser pequenas.⁷

O samaritano foi guiado por uma deliberação esplancofânica, que lhe permitiu ver o desvalido e sentir a “comoção das vísceras”. Esta implicou uma vivência visceral de amor doativo ao desvalido no caminho.

O sacerdote e o levita revelaram uma deliberação de identidade.

Emmanuel não pretende delinear um único ideal de vida boa ou de florescimento humano, mas antes uma filosofia alternativa (política) que permita afirmar o pluralismo, ao mesmo tempo em que procura sustentar que é necessário invocar as visões da vida boa e de uma boa vida para justificar as leis e as políticas da ação na sociedade.

A parábola também afirma um pluralismo de condutas desde a litúrgica (sacerdote e levita) até a uma conduta eleítica de samaritano.

⁷ Cf. E. J. EMMANUEL, *The ends of human life*, cit., pp. 8 e 156.

Segundo o Templo de Jerusalém, na vida de Israel, procurou-se uma “democracia deliberativa”, na qual os indivíduos autônomos participam ativamente na vida de uma pluralidade de comunidades. O sacerdote e o levita representam uma pluralidade de condutas e comunidades religiosas, desde os saduceus até aos fariseus, no tempo de Cristo. Nelas, os cidadãos interpretam e criam os valores comunitários e especificam como eles vão configurar a vida em comum em torno dos rituais que o Templo de Jerusalém impõe. Cada um dos elementos (sacerdote e levita) está comprometido com a sua comunidade e não só com a sua própria prosperidade.

Os sacerdotes, bem como os levitas, formavam uma comunidade religiosa e política.

Os sacerdotes do Templo tinham importância naquela época. Israel é, no tempo de Jesus, uma teocracia. Estes são sacerdotes por sucessão hereditária. Os sacerdotes, mais ou menos em número de sete mil, estavam encarregues de oferecer sacrifícios. Eram uma comunidade social, política e religiosa dividida em vinte e quatro classes de serviço, uma vez que trabalhavam, uma vez por semana, por turnos.

Por ocasião das três grandes festas (Páscoa, Pentecostes e Tendias), todas as classes estavam de serviço, ao mesmo tempo. Cada sacerdote exercia o seu múnus no Templo, cinco semanas por ano.⁸

Segundo a visão comunitarista, será essencial a participação ativa de todos os cidadãos na vida da comunidade, particularmente no processo de deliberação.

Os sacerdotes estavam social e politicamente muito próximos do povo simples, tanto pelos rendimentos, quanto pelas condições de trabalho e de vida, sendo normalmente pouco mais instruídos.

Quando da Guerra Judaica, parece que muitos deles se juntaram à causa dos zelotes, esperando que a saída dos romanos lhes desse mais rendimentos e estatuto social. O *character indelebilis* do seu cargo era conferido pela investidura e pela entrega dos ornamentos do sumo sacerdote, que constavam de oito peças.

⁸ Cf. J. BARTON, *The biblical world*, II, London, Routledge, 2002, pp. 72-82.

Desde o regresso do exílio, em 538 a.C., uma vez que já não havia rei, o sumo sacerdote tornara-se, pouco a pouco, o elemento-chave da comunidade judaica. Era o responsável deliberativamente pela Lei e pelo Templo e, por inerência, será o presidente do sínédrio, sendo o único que podia rezar e expiar pelo povo inteiro e o único que podia entrar, uma vez por ano, no coração do Templo (*Sanctum Sanctorum*). Pelas suas funções, o sumo sacerdote gozava de grande dignidade, que lhe garantia uma situação financeira confortável. O sumo sacerdote perdeu popularidade quando ficou submetido ao poder romano.⁹

As condutas do sacerdote e do levita forjaram ideais de identidade, estabeleceram as suas prioridades de identidade, delinearam políticas e definiam a identidade da comunidade religiosa e política a que pertenciam.

A noção de deliberação inclui, segundo Emmanuel, cerca de quatro elementos fundamentais.¹⁰

2.1. As deliberações pela articulação da vida boa, própria de cada comunidade

Segundo Emmanuel, o ideal de vida boa tem cerca de quatro elementos: ideias morais partilhadas, tradições e costumes comuns, práticas aceites e, finalmente, precedentes paradigmáticos.

Por meio do processo comunitário de deliberação, estes elementos reconstroem-se para dar lugar a uma compreensão compartilhada da vida boa. Em algumas comunidades, a visão da vida boa será mais detalhada que em outras. A visão da vida boa jamais será acabada ou perfeita, mas exige um processo permanente de deliberação e de revisão de vida no seio de cada comunidade.¹¹

O sacerdote e o levita gozaram de uma deliberação de identidade, dado que este paradigma marca as condutas dos salteadores, do sacerdote e do levita. Embora de maneiras diferentes, todos vivem para si e a

⁹ Cf. R. DE VAUX, *Instituciones del Antiguo Testamento*, tradução do francês, Barcelona, Editorial Herder, 1992, pp. 423-431.

¹⁰ Cf. J. J. FERRER; J. CALVAREZ, *Para fundamentar a bioética*, cit., p. 245.

¹¹ Cf. E. J. EMMANUEL, *The ends of human life*, cit., pp. 162-168.

partir de si, natural e espontaneamente, pautando, segundo A. Couto, o seu comportamento pelo interesse, autoconservação, autoexpansão, autorrealização e autossatisfação, aquilo que Lévinas chamou de “egoísmo alérgico”, que são os nossos egoísmos em guerra uns contra os outros, todos contra todos.¹²

Ao contrário, o samaritano vive numa deliberação de alteridade, que é esplancofânica. O samaritano não vive de si e para si, debruçado sobre si mesmo, ruminando as suas próprias palavras (SI 49,14), dentro do seu arco desiderativo, projectual e instintivo, mas vive para o Outro. Será um dar-se inexoravelmente para o Outro, dado que se autodetermina para servir (abdad) incondicionalmente o Outro (desvalido no caminho), para dar a sua vida ao Outro.¹³

2.2. As deliberações versam sobre os ideais fundamentais

As deliberações podem versar sobre os aspectos práticos, em torno da eficácia de um agir; elas são também poiéticas e ocupam-se dos ideais fundamentais ou constitutivos de compreensão da vida boa, própria de cada comunidade particular. O fato de reconhecer que as deliberações podem tratar as questões fundamentais pressupõe que é possível debater racionalmente acerca dos valores morais.¹⁴

O ideal fundamental do samaritano foi a deliberação esplancofânica. O paradigma do Bom Samaritano, ao enquadrar-se como síntese dialética, no modelo deliberativo esplancofânico, situa-se como forma dianoética do “fazer” livre e responsável. Deliberativamente, de fora para dentro, pela “comoção das entranhas”, o samaritano é movido por um ideal agápico para o Outro, com a audácia de se comprometer num altruísmo generoso e perigoso, devido aos acidentes no caminho de Jerusalém para Jericó.¹⁵

¹² Cf. A. COUTO, *Como uma dádiva*; caminhos de antropologia bíblica, Lisboa, Universidade Católica Editores, 2002, p. 246.

¹³ Cf. *ibidem*, p. 247.

¹⁴ Cf. J. J. FERRER; J. CALVAREZ, *Para fundamentar a bioética*, cit., p. 245.

¹⁵ Cf. R. D. BORGES DE MENESES, *O desvalido no caminho*, cit., p. 194.

2.3. As deliberações não são meramente “instrumentais”

As comunidades propostas pelo comunitarismo liberal são comunidades de deliberação democrática, com uma visão compartilhada da vida boa. Os indivíduos realizam-se como cidadãos precisamente por meio do processo deliberativo que nelas se dá. O cidadão deve cultivar, além do mais, os seus interesses e projetos, se não quer que a sua vida seja unidimensional.

O comunitarismo é liberal porque aceita o pluralismo, reconhece e protege os direitos dos indivíduos, havendo, porém, uma diferença entre a aceitação do pluralismo no liberalismo clássico e no comunitarismo liberal. A justificação e a interpretação dos direitos individuais, um dos traços mais atrativos do liberalismo, adquirem também uma configuração própria no contratualismo.

Os direitos individuais existem para promover a participação política nos processos de deliberação democrática.¹⁶

As deliberações não são instrumentais, não necessitam de uma causalidade *eficiente*. A deliberação do samaritano ultrapassou toda a causalidade como encontramos na realização esplancofânica do desvalido no caminho.

A deliberação esplancofânica é uma deliberação de alteridade, porque dá prioridade ao Outro. Foi espontânea e veio de fora, induzida pelo Pai das Misericórdias.

Foi uma aretologia esplancofânica, tal como a realizou o samaritano (Lc 10,33), quando as vísceras se lhe estremeceram e começou a cuidar do desvalido no caminho de Jerusalém a Jericó. Com efeito, a deliberação esplancofânica do samaritano esteve no momento em que, antes de tomar uma decisão de cuidados, houve a “comoção das vísceras” (*rahamim*).

Foi esta manifestação de amor entranhado que levou o samaritano a cuidar, definindo uma deliberação de alteridade, sem reflexão, sem interesses, sem reservas e sem se preocupar consigo mesmo. Foi uma deliberação não instrumental.¹⁷

¹⁶ Cf. *ibidem*, p. 246.

¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 200.

CONCLUSÃO

A parábola do Bom Samaritano apresenta-se, no domínio da humanização em saúde, como superadora do paternalismo clínico, por meio da deliberação esplancofânica, tal como fizera Emmanuel através da democratização radical da assistência sanitária.

No sistema proposto por E. Emmanuel, conjuga-se a resolução dos dilemas da ética médica com a compreensão da vida boa (felicidade), sem se cair num sistema tirânico, que imponha a todos um ponto de vista único.

Muitos dos problemas morais da moderna bioética são insolúveis, se se pretende buscar respostas válidas para todos, prescindindo das diferentes visões do mundo, que informam os juízos morais dos indivíduos.¹⁸

O paradigma deliberativo esplancofânico é uma solução, mas somente para os médicos viverem individualmente, não sendo possível aplicá-lo num sistema nacional de saúde, dada a pluralidade e os múltiplos dilemas éticos.

A visão de Emmanuel tem o mérito próprio das teorias comunitaristas, que é a chamada a recuperar um forte e determinado sentido da comunidade como o lugar em que é possível viver uma vida humana plena, consumada na realização do bem, para justificar o adágio de Boécio: *congregatio omnium honorum ad finem felicitas est*.

A parábola é contra o individualismo e contra a deliberação de identidade representada pelas condutas do sacerdote e do levita. Seguindo o pensamento de Emmanuel, a tradição comunitária tem razão. Todavia, outra questão diferente será se se mostra um caminho seguro e realista para edificar o mundo solidário de que tão desesperadamente necessitamos todos nos ecossistemas e segundo a globalização.

Sem sombra de dúvida, deveremos considerar que a parábola do Bom Samaritano nos mostra uma deliberação agápica, que se manifesta na aretologia esplancofânica perante um desvalido no caminho, que chama: "Cuida de mim!". O samaritano dá uma resposta esplancofânica, que é uma resposta de alteridade: dar prioridade ao Outro (nu, doente, drogado etc.). É um caminho soteriológico e comunitário pela dimensão agápica da misericórdia.

¹⁸ Cf. J. J. FERRER; J. CALVAREZ, Para fundamentar a bioética, cit., p. 253.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTON, J., *The Biblical World*, II, London, Routledge, 2002.
- BORGES DE MENESES, R. D., *O desvalido no caminho*; o Bom Samaritano como paradigma da humanização em Saúde, Santa Maria da Feira, Passionistas, 2008.
- COUTO, A., *Como uma dádiva*; caminhos de antropologia bíblica, Lisboa, Universidade Católica Editores, 2002.
- DE VAUX, R., *Instituciones del Antiguo Testamento*, tradução do francês, Barcelona, Editorial Herder, 1992.
- EMAMNUEL, E. J., *The ends of human life*; medical ethics in the liberal polity, Cambridge, Harvard University Press, 1992.
- FERRER, J. J.; CALVAREZ, J., *Para fundamentar a bioética*, São Paulo, Loyola, 2005.